

Luciana Lobo Miranda¹
Jose Alves de Souza Filho³

Mauro Michel El Khouri²
Eveline Nogueira Pinheiro de Oliveira⁴

Resumo

Este trabalho discute a atuação do vídeo como dispositivo de pesquisa. A partir dos resultados de pesquisa-intervenção realizada em duas escolas públicas de Fortaleza, analisam-se as implicações estéticas, éticas e políticas envolvidas no encontro entre jovens estudantes e a experiência audiovisual. Fundamenta-se em conceitos-ferramenta da Análise Institucional francesa, como *implicação*, *restituição* e *analisador* para conceber o estudo como um pesquisar *com* os jovens e *com* as escolas. A pesquisa contou com duas oficinas de produção de vídeo que tiveram como tema a relação juventude e mídia. Cinco vídeos foram produzidos, os quais foram exibidos e debatidos nas duas escolas com a presença dos realizadores, professores e gestores. O uso do vídeo atuou como dispositivo no processo de construção de dados potencializado como documento, disparador de debate, produtor de analisadores, objeto de estudo e enunciador de si. A pesquisa-intervenção visa à criação de dispositivos que promovam a análise de questões por parte do coletivo institucional. Dessa forma, ao discutir o uso do vídeo como dispositivo de pesquisa, busca-se pensá-lo como estratégia de intervenção que visa gerar acontecimentos, favorecendo a produção de novas formas de pensar e agir na relação mídia-educação.

Palavras-chave: Pesquisa-intervenção; juventude; mídia; escola; vídeo.

Abstract

This paper discusses about the video performance as a research device. From the intervention-research results carried out in two public schools in Fortaleza, discusses aesthetic, ethical and political implications involved in the encounter between young students and audiovisual experience. It is based on key concepts of the French Institutional Analysis, as implication, restitution and analyzer to design the study as a research with young people and schools. The research included two video workshops that had as its theme the youth and media relationship. Five videos were produced, which were displayed and discussed at the two schools with the presence of directors, teachers and managers. The use of video served as a device in the data construction process leveraging as document, trigger debate, analyzers producer, object of study and enunciator himself. The intervention-research aims to create tools that promote the analysis of issues by the institutional collective. Thus, when discussing the use of video as a research tool, we seek to think of it as an intervention strategy to generate events, favoring the production of new ways of thinking and acting in relation media-education.

Keywords: Intervention-Research; youth; media; school; video.

¹ Doutora em Psicologia pela PUC-RJ. Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do Laboratório em Psicologia, Subjetividade e Sociedade (LAPSUS) e Coordenadora do Programa de Extensão TVEZ: Educação para o uso Crítico da Mídia. Pesquisadora CNPq. E-mail: lobo.lu@uol.com.br

² Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) na linha Sujeito e Cultura na Sociedade Contemporânea. Mestre em Psicologia pela UFC na linha Cultura e Subjetividades Contemporâneas. Bacharel em Psicologia pela mesma instituição e em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atualmente é professor temporário da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI-UECE), no setor de Fundamentos Filosóficos e Sociológicos da Educação. E-mail: maurokhouri@gmail.com

³ Mestrando em Psicologia na Universidade Federal do Ceará (UFC) na linha Sujeito e Cultura na Sociedade Contemporânea. Graduado em Psicologia pela UFC. E-mail: josefilhoss@gmail.com

⁴ Mestranda em Psicologia na Universidade Federal do Ceará (UFC) na linha Processos Psicossociais e Vulnerabilidades Sociais. Graduada em Psicologia pela UFC. E-mail: nogueiraeveline@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O novo paradigma estético tem implicações ético-políticas porque quem fala em criação, fala em responsabilidade da instância criadora em relação a coisa criada, em inflexão de estado de coisas, em bifurcação para além de esquemas pré-estabelecidos e aqui, mais uma vez, em consideração do destino da alteridade em suas modalidades extremas. (Guattari, 1992, p.137).

O presente trabalho discute o processo de uma pesquisa-intervenção com duas escolas públicas de Ensino Médio da cidade de Fortaleza – CE, em que o uso do vídeo assumiu papel central. A pesquisa denominada *Juventudes e Mídia: Um estudo sobre o consumo, apropriação e produção de mídia por jovens estudantes de Escola Pública de Fortaleza*¹ enfocou, sobretudo, a incidência da mídia nos modos de subjetivação juvenis (Miranda, Souza Filho, Queiroz, Viana & Coelho, 2015; Khouri & Miranda, 2015).

Tendo como base teórico-metodológica a pesquisa-intervenção, articulada ao conceito de dispositivo de Foucault (1988) e ao paradigma estético de Guattari (1992), discutimos a centralidade do vídeo, onde este funciona como um dispositivo analisador que participa do campo de investigação, numa perspectiva estética, ética e política.

Na pesquisa-intervenção em questão, o que produz e constrói a pesquisa é o entrelaçamento da rede heterogênea pesquisadores-jovens-escola-vídeo, compondo cenas enunciativas, com práticas discursivas e não-discursivas, que ajudam a tecer certa composição da pesquisa, na qual cabe sempre analisar suas próprias condições em dimensão processual (Aguiar & Rocha, 2007). Assim, discutir a metodologia da pesquisa é discutir um modo de estar *com* o outro (Moraes, 2014), em que o uso do vídeo ajuda a performar. Trata-se

então de conceber este estudo como um pesquisar *com* os jovens, *com* as escolas, *com* o vídeo, e não realizar um estudo *sobre* eles. Apostamos, assim, em ações que favoreçam o diálogo e a formação dos sujeitos envolvidos no processo de pesquisar.

Segundo Castro (2008), o trabalho em grupo com crianças e jovens pode favorecer a desarticulação da desigualdade entre pesquisador e pesquisado, que muitas vezes reproduz no processo da pesquisa “as posições de sujeitos existentes, na sociedade e na cultura” (p. 21). O trabalho em grupo permite que o controle do processo se desloque entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa, pois crianças e jovens podem se sentir fortalecidos, “em torno de uma identidade grupal”, inclusive questionando “o próprio fazer do pesquisador” (p.32). Trata-se assim de fortalecer no âmbito da pesquisa, o lugar político dos/das jovens, na sua demanda de participação e reconhecimento de sua agentividade no contexto escolar.

Ao invés de coletar dados, cabendo ao pesquisador, com toda a sua bagagem teórica e, sobretudo, metodológica, representar uma realidade pré-existente, tratamos de construir dados (Kastrup, 2008; Medrado, Spink & Mélo, 2014) que se produzem na teia de práticas discursivas e não-discursivas através do encontro: pesquisadores - jovens - escola - vídeo.

Em nossas pesquisas, o uso do vídeo-dispositivo tem atuado como: documento; disparador de debate; produtor de analisadores; objeto de estudo; e enunciador de si no processo de construção de dados (Miranda, 2014). Neste trabalho, pretendemos refletir acerca das questões estéticas, éticas e políticas que o uso do vídeo como dispositivo de pesquisa produziu no pesquisar com jovens estudantes.

POR QUE PESQUISAR COM VÍDEO?

Vivemos em um país de dimensões continentais, em que quase 100% de seu

território é coberto pela emissão da televisão aberta. São várias gerações do século XX interpeladas pela narrativa audiovisual da televisão. Os dados do PeNSE 2009 (Brasil 2009), por exemplo, mostraram que 79,5% dos escolares frequentando o 9º ano do Ensino Fundamental assistiam à TV por duas ou mais horas diárias (Brasil, 2009). Em estudo realizado pelo UNICEF (2007), o lazer do jovem dividiu-se em assistir à televisão (35%), praticar esportes (33%) e ouvir música (24%). E quanto menor a escolaridade, maior tempo gasto na televisão. Recentemente, a pesquisa *Agenda Juventude Brasil: Pesquisa Nacional Sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros* (Brasil, 2013) endossa a informação anterior ao afirmar que os jovens consideram a TV o principal meio para se informar sobre o Brasil e o mundo (83%), sendo a internet a segunda via (56%). Esta é mais citada do que jornais e revistas impressos somados (23 % e 5%, respectivamente). A internet também aparece como utilizada por 79 % dos jovens.

A incidência sobre os modos de subjetivação dos jovens no Brasil via televisão parece estar se deslocando e se redimensionando para a relação com o computador, sobretudo por conta do advento da internet, na qual teoricamente todos são produtores em potencial. Estamos vivenciando a passagem de um modelo eminentemente *broadcasting* de comunicação para uma comunicação em rede. (Lévy, 1999; Lemos 2013).

A própria forma de ver televisão se modificou. É possível hoje assisti-la na internet, simultaneamente ao uso de computadores, *tablets* e celulares, ou usando estes mesmos suportes digitais, o que vem se definindo como fusão das mídias. Hoje a internet tem utilização ampla na economia, na política, na saúde, na educação, nos transportes, enfim, nos diversos setores da sociedade. Para Castells (2010), a internet se tornou o substrato tecnológico de uma nova forma de organização social na Era da Informação, em que a comunicação e a

transmissão de conteúdos ocorrem em escala global, num formato em que predomina a horizontalidade entre os usuários.

Segundo Campos (2010), os sujeitos contemporâneos estabelecem interações e comunicações com seus semelhantes mediante imagens e discursos, o que é potencializado pelo uso da mídia. Com isso, acredita-se que as tecnologias midiáticas digitais têm desempenhado um importante papel na construção dos modos de subjetivação da juventude contemporânea. Termos como “nativos digitais”, “geração Y” e “geração Z” tentam dar conta dos modos de socialização e de subjetivação de toda uma geração que nasceu conectada à internet (Sibilia, 2012). No entanto, a familiaridade técnica com a internet e com toda a maquinaria digital não significa, ao nosso ver, uma correspondência *vis-à-vis* com um domínio ético-estético-político sobre estes mesmos dispositivos.

Diante dessas inquietações relativas à midiaticização da sociedade (Moraes, 2006), como problematizá-las nas pesquisas em Psicologia? Isto é, se os modos de subjetivação na contemporaneidade se encontram marcados pela mídia e pelas novas tecnologias, como podemos trazer esta marca para o âmbito de nossas pesquisas, não apenas como objeto de análise, mas demarcando nossos procedimentos? Jobim e Souza (2011) aborda a importância do uso do vídeo na pesquisa em Ciências Humanas devido à sua representatividade na cultura midiática em que vivemos, especialmente por favorecer que discutamos e compreendamos nossa época constituída pelas técnicas audiovisuais e digitais. Se ensejamos analisar a relação dos jovens com a mídia, torna-se coerente a utilização de um recurso midiático audiovisual na própria metodologia da pesquisa, como condição de sua existência.

Esses jovens estão imersos nessa sociedade midiaticizada (Moraes, 2006), nessa cultura audiovisual, que se desenvolve desde a expansão da televisão e agora da

internet. Por isso, a possibilidade de criar uma narrativa audiovisual, através do vídeo, para falar desta relação dos jovens com a mídia, nos pareceu bastante fecunda. Por outro lado, também vislumbramos os jovens não apenas como consumidores, mas produtores, posicionando-se acerca da relação entre juventude e mídia através da criação de vídeos.

Desse modo, apostamos na oficina de vídeo para constituir este espaço coletivo de análise e produção de conhecimento acerca da relação entre juventude e mídia. Um espaço onde jovens e pesquisadores não apenas discutiram acerca da incidência da mídia em seus cotidianos, mas também problematizaram esta incidência, criando vídeos com o tema “juventude e mídia”.

A estratégia acabou mostrando-se sedutora. De fato, mais do que discutir a relação cotidiana com o universo midiático, o que instigava esses jovens era a possibilidade de criar um vídeo. Tal tema foi debatido logo no primeiro encontro quando questionados a respeito do porquê de terem se inscrito na oficina:

Meu nome é Ricardo, eu sou da sala de Redes, e estou aqui porque eu gosto muito de câmera! [risos geral] (Ricardo, aluno).

Meu nome é Antônio, eu sou da sala da Redes 2 e eu quero muito aprender a mexer na câmera. (Antônio, aluno).

Meu nome é Patrícia, sou do curso de redes e eu me interessei por esse curso, vamos dizer, pela maneira de mexer com a câmera, de mexer com a mídia, que é uma coisa que me interessa muito. (Patrícia, aluna).

[Olha para a câmera.] *Olá, meu nome é André, e eu faço Rede de Computadores e o maior interesse é que eu gosto muito de fotografar e também já trabalhei com edição de imagens. Então eu queria aprofundar esse conhecimento e levar*

pra área da filmagem, mídia, essas coisas assim. (André, aluno).

(Trecho transcrito, dia 20/04/2013. EEEP²).

O desafio se constituía em provocar, através da centralidade do vídeo, deslocamentos, para que o interesse pela técnica se ampliasse, buscando a reflexão dos jovens, de seus posicionamentos sobre questões ético-estético-políticas na midiaticização da sociedade.

PESQUISANDO COM VÍDEO

Propomos a intervenção na micropolítica do cotidiano através do uso do vídeo, corroborando com o *ethos* da pesquisa-intervenção, isto é, o que se coloca em questão é toda uma política de pesquisa que problematiza o desejo de neutralidade da ciência (Rocha & Aguiar, 2003; Aguiar & Rocha, 2007), pois

o sujeito do conhecimento se produz em meio às práticas sócio-históricas. Ou seja, o conhecimento enquanto produção e o sujeito inscrito nesse processo se fazem em condições determinadas o que torna imprópria qualquer alusão acerca de uma possível neutralidade que normatizaria as práticas de pesquisa. (Aguiar & Rocha, 2007, p. 650).

Ao questionar a neutralidade do pesquisador, tema também presente em outras pesquisas participantes, a pesquisa-intervenção tende a radicalizar esta impossibilidade, não como limite da ciência, mas como sua própria condição. No processo de pesquisar-intervir, dispositivos são criados, enquanto afirmação do ato político de que toda investigação se constitui (Aguiar & Rocha, 2007).

Assim, a oficina de vídeo, com seu caráter teórico-prático, acabou por assumir este lugar de dispositivo de intervenção na

pesquisa. No entanto, a interpelação do cotidiano da escola também se deu nas outras estratégias metodológicas, muitas vezes realizadas sem a presença do vídeo, a exemplo da observação do cotidiano escolar e de conversas informais com alunos, professores e núcleo gestor. Estas estratégias foram acompanhadas pelo diário de bordo ao longo de quase um ano em cada escola³. Em ambas, a oficina de vídeo só começou a ser planejada e divulgada após uma (con)vivência nesses espaços escolares.

A pesquisa foi realizada com trinta (30) estudantes do Ensino Médio de duas escolas públicas estaduais de Fortaleza, uma Escola Profissionalizante (EEEP) e outra de Ensino Regular (EEFM), ambas localizadas em bairros da periferia de Fortaleza. Na Escola Regular, a professora do Laboratório Educacional de Informática (LEI) também participou da oficina.

De caráter teórico-prático, a oficina de vídeo teve carga horária de aproximadamente 20 horas (5 encontros com 4 horas cada), com encontros ocorridos prioritariamente aos sábados, nos quais foram abordados temas relacionados à linguagem audiovisual, fotografia, sonorização e edição, utilizando, além das duas câmeras filmadoras disponíveis, celulares e *smartphones* dos jovens participantes da oficina. Como tema de discussão, debatemos acerca da relação entre juventude e mídia. A tematização sobre a relação dos jovens com a mídia foi instigada pela exibição de vídeos em diferentes linguagens: publicidade, jornalismo, programa de auditório, ficção etc., envolvendo direta ou indiretamente o tema da pesquisa, de modo que o vídeo pudesse ser utilizado tanto como objeto de discussão (análise de publicidades, programas jornalísticos, ficções com temas relacionados à mídia) quanto para expressão de si, através da apropriação (criação de vídeos em grupo, com o tema juventude e mídia). Não houve separação entre a discussão sobre juventude e mídia e a construção do vídeo. O processo de fazer o vídeo

já diria das compreensões e desenvolvimentos sobre o tema⁴.

Optamos por não utilizar equipamentos muito sofisticados ou instruir os participantes com uma linguagem demasiada técnica, a fim de proporcionar conhecimentos que os jovens pudessem usar no dia-a-dia. Uma das equipes, por exemplo, gravou todo o seu vídeo com seus próprios celulares. Todos os encontros foram gravados em vídeo por duas câmeras filmadoras, uma ficava com a equipe de pesquisadores, outra com os jovens.

Durante o processo da pesquisa, cinco vídeos foram realizados pelos jovens, quatro na Escola Profissionalizante (EEEP) e um na Escola Regular (EEFM)⁵. Houve uma preponderância de vídeos ficcionais, e todos tiveram como tema o que havíamos demandado: a relação cotidiana com a mídia. Destacamos que os vídeos criados pelos jovens são fruto não apenas de suas vivências cotidianas, marcadas pela sociedade midiaticizada, mas também pelos condicionantes da própria pesquisa, a exemplo do enquadre enunciativo (a escola; os vídeos-disparadores levados pelos pesquisadores; as discussões; a aprendizagem acerca da linguagem, entre outros). Assim, não se trata de revelar uma subjetividade interna através do vídeo, mas de pensar um modo de subjetivação que se produz no ato de criação deste dispositivo audiovisual, marcado por diversos vetores, pelo próprio enquadre enunciativo da pesquisa⁶.

Os vídeos criados foram primeiramente exibidos e debatidos pelos próprios participantes, para depois serem exibidos nas escolas. Na exibição interna aos grupos, discutimos para quem os vídeos seriam mostrados. Nas duas instituições, apesar de a maioria ter apreciado o resultado, os estudantes demonstraram certo receio no julgamento dos pares. Por outro lado, foi solicitado e enfatizado por eles mesmos o comparecimento de professores e da gestão, como oportunidade de mostrar o que eram capazes de fazer. Na exibição para as

Escolas com a presença de professores, gestores e demais alunos, discutimos sobre a oficina, a escolha da temática do vídeo e o seu processo de construção.

Assim, discutir o uso do vídeo como dispositivo de pesquisa significa pensá-lo como estratégia de intervenção que pretende gerar acontecimento (Miranda, 2014), como função de produção de realidade (Kastrup, 2008), pois conectam forças heterogêneas, desacomodando territórios aparentemente cristalizados (Barembly, 1992).

Por outro lado, há também no conceito de dispositivo uma função de controle, que aciona, que nos faz ver e nos faz dizer, em sua rede heterogênea, que tem como função se manter, seja através do controle-repressão, seja pelo controle-estimulação (Foucault, 1979). Segundo Agambem (2014), “o dispositivo é, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações e somente enquanto tal é uma máquina de governo” (p.47).

A pesquisa-intervenção cria, portanto, dispositivos que possam servir de análise por parte do coletivo institucional, em que todos entram em contato, interpretam e discutem os temas colocados em questão. Se por um lado o uso do vídeo na pesquisa pode ser um instrumento que produz analisadores, por outro, também atua ele próprio como analisador na medida em que expõe a forma de ser e se expressar dos jovens. Funciona, pois, como um enunciador, destacando a fala dos jovens a partir de uma produção audiovisual.

Se em outro trabalho discutimos a função-dispositivo do uso do vídeo na pesquisa (Miranda, 2014), analisaremos a seguir como este caldo heterogêneo do dispositivo ajudou a constituir certo contorno estético, ético e político na pesquisa com estes jovens.

A ESTÉTICA DO IMPROVISO

Na epígrafe do presente texto, trouxemos o paradigma estético de Guattari

(1992), a Caosmose, que aposta na relevância das possíveis articulações através da transversalidade entre a estética, a ética e a política nas problematizações acerca da subjetividade hodierna. Através da metáfora da imagem das viseiras dos cavalos, que, quanto mais abertas, maior a possibilidade de abrir o campo de visão, Guattari diz que os profissionais *psi* deveriam ampliar o seu coeficiente de transversalidade, expandindo a possibilidade de criação em suas práticas. Estas estariam associadas à ativação de circulação, de agenciamentos, ligados à produção de outros modos de ser, de sentir e de atuar, em que os profissionais de diversos campos de saber exerceriam práticas mais transdisciplinares (Guattari, 1981).

Trazer o vídeo como analisador de um fazer estético da pesquisa significa, para nós, pensar a criação como vetor central, como tentativa de expandir nosso coeficiente de transversalidade. O uso do vídeo pode favorecer este campo de criação, onde novas formas de construção de dados são agenciadas: palavras, sons e imagens. Na pesquisa “Juventudes e mídia”, mais do que o resultado - o vídeo produzido pelos jovens - o que importava era o vídeo-processo, isto é, todo o processo na construção de dados, em que o vídeo era um importante componente.

Desde a discussão das primeiras ideias até a edição, passando pelas filmagens, as etapas tiveram a marca dos participantes. A expectativa com a possibilidade de produzir um vídeo era evidente nos alunos. Esse anseio refletiu na forma como os jovens conduziram todo o processo, o que afetou diretamente o resultado final dos vídeos. Questões discutidas nas oficinas de vídeo tais como plano-sequência, câmera subjetiva, utilização de música para passar emoção, entre outras, foram incorporadas no resultado dos vídeos como recursos de linguagem.

Outros recursos como o *stop motion* e a narrativa em forma de *vlog* foram ado-

tados da bagagem estética que alguns jovens já possuíam. O *stop motion*, por exemplo, é uma técnica de animação fotograma a fotograma (ou quadro a quadro) com recursos da máquina de filmar, de uma máquina fotográfica ou do computador. (Wikipédia, 2015). No vídeo “Viaje nas ideias!” o recurso foi utilizado em cenas em que personagens dos anos 80, 90, e 2000 lidam com diferentes mídias, tais como telefone fixo, televisão, videogame, computador e celular, promovendo reflexões sobre a relação dos jovens com a mídia em épocas distintas. A técnica, ausente na oficina de vídeo, foi proposta por um dos jovens, pois ele já sabia como utilizar, trazendo inclusive no dia da filmagem a sua própria câmera fotográfica. No *videoblog* “Só mais um besteiro!”, estudantes conversam sobre os usos cotidianos da internet, respondendo a questões fictícias, elaboradas por eles mesmos. O grupo escolheu o estilo *vlog* por ser espectador desse tipo de narrativa na internet. Ambos os vídeos foram realizados por alunos da Escola Profissionalizante (EEEP). No entanto, houve algo em comum: em todos os cinco vídeos prevaleceu o que chamamos de estética do improviso no processo de criação:

Foi na hora. A gente tava tudo sentado aí começou a pensar, a gente pegou e foi ver os vídeos do Chafurdaria. Aí a Marcela pegou e deu a ideia de botar um bocado de celular na bolsa, aí vinha uma pessoa assaltar e depois que assaltava pegava outro. (Mariana, aluna). E a outra história? (Luciana, pesquisadora).

Foi na hora.⁷ (Mariana, aluna).

(Trecho transcrito, dia 20/04/2013. EEFM).

Embora, nas duas escolas, nós tenhamos solicitado durante a oficina um pequeno roteiro para a filmagem, foi unânime

a ausência da palavra escrita como base para a narrativa audiovisual. A ausência de *scripts* e a opção por gravar de forma espontânea, sem planejamento prévio, diz respeito à forma como estes jovens lidam com a imagem em suas vidas.

Esse modo de criação destacou-se em meio a um contexto onde as exigências disciplinares e as formas (pedagógicas) consideradas legítimas de se produzir conduzem as atividades, haja visto que a oficina de vídeo se deu na instituição escolar. Apesar de se ter estabelecido um tema, “juventudes e mídia”, por nós definido, a partir do qual os jovens pudessem trabalhar, e de se ter discutido alguns gêneros audiovisuais para a produção dos vídeos, não se definiu o formato nem o modo de se produzir⁸. Mesmo sendo realizada no mesmo ambiente em que cotidianamente os jovens se deparam com práticas disciplinares (Foucault, 1977), a oficina de vídeo suscitou modos distintos de criação e, com isso, outras formas de se produzir emergiram. A ausência de roteiro, da palavra escrita, não impediu que prosseguissem na criação de suas ideias e de transformá-las numa narrativa audiovisual. Embarcamos com os jovens na estética do improviso por considerá-la, do ponto de vista dos dados da pesquisa, emblemática de seus modos de subjetivação na atualidade.

ATITUDE ÉTICA: O QUE PODE E O QUE NÃO PODE SER FILMADO

Voltemos ao livro *Caosmose*, anteriormente citado. Nele, Guattari (1992) se refere à ética como uma potencialidade para a vida. Também no âmbito da Filosofia da Diferença, ao se remeter a Kant, no texto “O que são as Luzes”, Foucault (2005) propõe que a filosofia não tem propriamente um método, mas um *ethos*, uma atitude, pois ela ajuda a engendrar um trabalho sobre nós mesmos e sobre o mundo: “Uma maneira de pensar e sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir que,

tudo ao mesmo tempo, marca uma pertinência e se apresenta como uma tarefa” (p. 342). Em ambos os trabalhos, a potência da vida no cuidado ético consigo e com o outro se coloca. Este trabalho ético sobre si mesmo e sobre o outro pode ser pensado como atitude de pesquisa que aqui tentamos produzir.

Apesar de ter seus procedimentos aprovados no Conselho de Ética, a discussão acerca da ética na pesquisa não se restringiu à leitura e à discussão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁹. Estávamos lidando com um cotidiano documentado através do vídeo, em que questões muito delicadas eram expostas, como por exemplo, o fato de um aluno da Escola Regular (EEFM), num dos encontros da oficina, ter interpretado como se utiliza o celular para “colar” nas provas da escola. O cuidado ético com o outro, em que imagens não autorizadas não devem ser realizadas e muito menos difundidas, foi tema de debate, não apenas na prática da pesquisa, mas em seu cotidiano. Isso é representado através da preocupação de alunos da Escola Profissional (EEEP) sobre a carência de atitudes éticas nas práticas nomeadas de *cyberbullying*:

É raro ter uma ética na internet. Uma pessoa na internet... ela sente um poder maior ainda de... tipo... pra fazer um cyberbullying, por exemplo, lembro um tempo de uma menina que, só porque ela tinha... a sobrinha era junto com o bigode. (Matheus, aluno)

Ficavam falando mal dela... o pessoal que falou online ficava dizendo que ela era uma menina sofredora, que tava sofrendo e tal... defendendo já. (Carlos, aluno)

(Trecho transcrito, dia 19/11/2013. EEEP).

Na oficina de vídeo, algumas situações discutidas versavam sobre dilemas

das relações interpessoais que levaram os jovens a estranharem suas próprias práticas cotidianas, provocando um reposicionamento destas. No *vlog* “Só mais um besteiro!”, já citado, foi tematizada a necessidade dos jovens de compartilharem com os pares a exibição do cotidiano e a espetacularização da intimidade por meio de fotos e vídeos nas redes sociais. As discussões trataram das formas de reconhecimento da juventude mediante a lógica atual de exibição de si, através do show do eu, trazendo a antiga intimidade para o domínio público (Sibília, 2008). Os jovens se reconhecem como críticos e partícipes dessa cultura exibicionista que alimentam. Como afirma André: “As pessoas reclamam das besteiras que postam no Facebook e elas postam as mesmas besteiras” (Trecho transcrito, dia 24/10/2013. EEEP).

Através da discussão e da apropriação da linguagem audiovisual, questões éticas do cotidiano dos jovens e sua relação com a mídia puderam ser suscitadas. Enfim, as formas como são cotidianamente subjetivados pela profusão de imagens e da mídia em geral foram discutidas na oficina de vídeo, dispositivo da pesquisa, provando novas formas de significação e também de apropriação institucional, já que as oficinas tiveram como *locus* o ambiente escolar. Pudemos observar parte desse processo através de um reposicionamento dos jovens, quando falam da mensagem do vídeo “O mundo com celular”. Este, composto de cinco pequenas histórias, aborda a centralidade do celular, conectado à internet, nas suas vidas.

A gente queria ver como é o dia-a-dia, como a gente percebe, como a gente vê o uso do celular. Porque muita gente tem celular, muita gente usa, mas não percebe. [...] E, tipo assim, a parte de você ter um celular velho e um celular novo, é que ninguém quer ter um celular velho, porque eu não vou poder usar os

aplicativos, várias coisas. Daí, a gente quer mostrar a nossa vida como é hoje pros outros que não veem, não percebem. Não percebem que na real ele está mexendo no celular, ele está sendo viciado, ele está sendo roubado, ele anda com dois celulares na bolsa, né? (Renato, aluno).
(Trecho transcrito, dia 04/06/2014. EEFM).

Assim, o contorno ético na pesquisa que o dispositivo vídeo colocou para funcionar diz respeito a certa atitude de responsabilidade, de cuidado com o outro, de que nos fala Guattari (1992) na epígrafe deste trabalho.

POLÍTICA DA PESQUISA: O ESPAÇO DO COMUM E O CAMPO DE LUTA

A criação audiovisual não é apenas uma produção técnica. Ela produz também formas de se conceber e compor o mundo, a vida e as relações sociais. Segundo Moraes (2014), a reflexão acerca do método da pesquisa diz respeito a um modo de fazer política, “é lidar com modos de estar com outros, com determinada maneira de compor o mundo em que vivemos e de articular um nós” (p. 131). No âmbito do uso do vídeo como dispositivo da pesquisa, podemos analisar este *nós* não como algo já dado, mas aos poucos construído no processo da oficina de vídeo, na criação de um *nós* comum no processo de discussão e filmagem, mas que não apaga a diferença entre pesquisadores e jovens.

Na discussão sobre o possível público para a exibição final dos vídeos, na Escola Regular (EEFM), os alunos foram unânimes ao afirmar que gostariam de mostrar a produção para os professores e núcleo gestor, pois queriam aproveitar o momento para reivindicar um grupo de audiovisual na Escola. Eles sabiam que a nossa presença poderia respaldá-los. Eles queriam ser vistos como capazes, como diz

Pablo: “É que a gente queria que a diretora e os professores soubessem que a gente tá fazendo e aprovasse para que a gente continuasse fazendo” (Trecho transcrito, dia 04/06/2014. EEFM).

E assim foi na exibição. No debate seguido da exibição dos vídeos, os jovens alunos solicitaram a criação do grupo, o que foi bem acolhida pelos presentes, inclusive pela diretora da Escola:

Respondendo ao questionamento do João [aluno da escola e participante da pesquisa], eu acho louvável que o projeto continue, que agora assim vocês sejam as pessoas que irão repassar o projeto para os demais grupos que queiram participar. Eu acho que o pouquinho, apesar do tempo ter sido curto, mas o que vocês aprenderam, vocês têm condições de repassar, inclusive com o acompanhamento da professora Karla [professora do LEI e participante da pesquisa]. Eu acredito que há condição de fazer o repasse dessas informações do conhecimento para os demais colegas e para os professores também. (Camila, diretora).
(Trecho transcrito, dia 11/06/2014. EEFM).

A exibição do vídeo feita por eles, para professores e gestores, com a presença de pesquisadores, fortaleceu a condição política para a construção de um grupo de audiovisual. Ao voltarmos à Escola meses depois, soubemos que alguns alunos foram por vezes solicitados por professores e gestores para filmar alguns eventos na/da escola.

Na Escola Profissionalizante (EEEP), no final da pesquisa a diretora nos procurou para perguntar se poderíamos contribuir para pensar um projeto para a inserção de um curso profissionalizante em audiovisual na escola. Eles em breve se mudariam para um novo prédio, adaptado

à realidade de escola profissionalizante, e seria então o momento de repensar as novas demandas locais. Segundo a diretora, ela havia sentido o grande interesse e mobilização dos alunos na criação dos vídeos e por isso tivera esta ideia. Na ocasião, colocamo-nos disponíveis para colaborar na elaboração de um possível projeto. No entanto, não fomos mais procurados.

Em ambas as escolas a oficina de vídeo possibilitou a criação de novos possíveis... O vídeo como dispositivo de pesquisa, em sua dimensão processual, inacabada, ajudou a engendrar posicionamentos estéticos, éticos e políticos, ou melhor, micropolíticos, pois se mostrou um território fecundo para a “analítica das formações do desejo no campo social” (Aguiar & Rocha, 2007, p. 660), onde questões normalmente relacionadas à política: cidadania, criticidade e democracia puderam se inscrever, criando novas composições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O posicionamento estético, ético e político de Guattari (1992) carrega o paradoxo por pretender discutir exatamente a processualidade enquanto um paradigma. A presente discussão talvez não tenha escapado do mesmo paradoxo. Ao elencar, descrever e analisar o contorno estético, ético e político da presente pesquisa, cujo uso do vídeo assumiu uma centralidade, não pretendemos criar um modelo de pesquisa com vídeo, como se pudéssemos criar um protocolo-roteiro no modo de fazer pesquisa utilizando este recurso audiovisual. Gostaríamos sim de apostar que seu uso pode ajudar a trazer a dimensão da criação para o âmbito da pesquisa.

Assim como em Guattari (1992) a relação entre o estético, o ético e o político se dá num regime de transversalidade, pensamos aqui a discussão acerca do vídeo como analisador de questões estéticas, éticas e políticas da pesquisa, atravessando umas às outras, onde a separação colo-

camos, talvez, por afeição a um certo didatismo. O que não deixa de ser paradoxal.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2014). *O que é o Dispositivo?* Chapecó, SC: Argus.
- Aguiar, K. F., & Rocha, M. L. (2007). Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 27(4), 648-663. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000400007
- Baremblytt, G. (1992). *Compêndio em Análise Institucional e outras Correntes*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos.
- Brasil (2009). *Pesquisa nacional de saúde do escolar. PeNSE 2009*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado de: www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense.
- Brasil. (2013). *Agenda Juventude Brasil: Pesquisa Nacional sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros*. Recuperado de <http://www.ondajovem.com.br/noticias-destaque/PesquisaJuventudeBrasil.pdf>.
- Campos, R. (2010). Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 63, 113-137.
- Castells, M. (2010). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castro, L. (2008). Conhecer, transformar (-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In L. E. Castro & V. L. Besset (Orgs.), *Pesquisa Intervenção na Infância e Juventude* (p. 21-42). Rio de Janeiro: Nau Editora/Faperj.
- Foucault, M. (1977). *História da sexualidade: a vontade de saber* (Vol. 1). Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1979). Poder-Corpo. In *Microfísica do Poder* (p. 145-152). São Paulo: Graal.

- Foucault, M. (1988). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (2005). O que são as Luzes? In *Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento* (pp. 335-351). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Guattari, F. (1981). *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo* (2ª ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Guattari, F. (1992). *Caosmose: o novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Jobim e Souza, S. (2011). Por Uma Epistemologia da Imagem Técnica. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 6(2), 206-210. Recuperado de http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/revista-lapip/volume6_n2/Jobim_e_Souza.pdf
- Kastrup, V. (2008). O Método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In L. E. Castro, L. E & V. L. Besset (Orgs.), *Pesquisa Intervenção na Infância e Juventude* (pp. 465-489). Rio de Janeiro: Nau Editora/Faperj.
- Khoury, M., & Miranda, L. L. (2015). Do consumo à produção de mídia por estudantes de escola pública em Fortaleza – Brasil. In A. Barbalho & L. Marôpo (Orgs.), *Infância, Juventude e Mídia* (pp. 77-94). Fortaleza: Olhares Luso-Brasileiros/Ed. Uece.
- Lemos, A. (2013). *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea* (6ª ed.). Porto Alegre: Sulina.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Medrado, B, Spink M. J., & Mélo, R. (2014). Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In M. J. P. Spink, J. I. M. Brigagão, V. L. V. Nascimento & M. P. Cordeiro (Orgs.), *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas* (p. 273-294). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Miranda, L. L. (2014). Uma câmera na mão e um dispositivo na cabeça: Carta Aos Pesquisadores. In G. Tavares, M. Moraes & A. Bernardes (Orgs.), *Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia* (p. 77-88). Vitória: EDUFES.
- Miranda, L. L. (2015). Educação e mídia: o que a Psicologia Social tem a ver com isso? In A. F. de Lima, D. C. Antunes & M. G. A. Calegare (Orgs.), *Psicologia Social e os atuais desafios Ético-Políticos no Brasil* (p. 36-50). Porto Alegre: ABRAPSO.
- Miranda, L. L., Souza Filho, J. A., Queiroz, L. L., Viana, V. M. M., & Coelho, D. O. C. (2015). Modos de subjetivação e redes sociais digitais: dialogando com jovens estudantes de escolas públicas de Fortaleza-CE In *Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens* (p. 293-313). Brasília: Liber Livro/UNESCO.
- Moraes, M. (2014). Do “PesquisarCOM” ou tecer e destecer fronteiras. In G. TavaresM. Moraes & A. Bernardes (Orgs), *Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia* (p. 131-138). Vitória: EDUFES.
- Moraes, D. (Org.). (2006). *Sociedade Midiatizada*, Rio de Janeiro, Maud.
- Rocha, M., & Aguiar, F. (2003). Pesquisa intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 4, 64-73. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400010
- Sibilia, P. (2008). *O show do eu: A intimidade como espetáculo* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Sibilia, P. (2012). *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto.
- Fundo das Nações Unidas para Infância UNICEF. (2007). *Adolescentes e Jovens no Brasil*. Recuperado de: <http://www.unicef.org/brazil/pt/voz2007.pdf>
- Wikipedia (2015). *Stop motion*. Recuperado de http://pt.wikipedia.org/wiki/Stop_motion

Notas:

- ¹ Pesquisa financiada pelo CNPq e autorizada pelo CONEP.
- ² Todos os nomes dos jovens são fictícios.
- ³ A respeito da importância do Diário de Bordo na constituição da pesquisa ver Medrado, Spink e Mélo (2014)
- ⁴ Além de estudantes de Graduação e Pós-graduação em Psicologia da UFC o grupo de pesquisa contou com a participação de Luana Cavalcante, aluna do curso de graduação de Sistemas e Mídias Digitais, bolsista PIBIC-CNPq, que também havia cursado quase a metade do curso de Cinema e Audiovisual da mesma instituição. A aluna ajudou a coordenar a oficina de vídeo, sobretudo na parte técnica e de linguagem.
- ⁵ Na escola profissionalizante (EEEP), cada uma das equipes criou uma ficção de aproximadamente quatro minutos: 1) "Verdade": trata da interação da mídia com seu usuário, confrontando um estudante que prefere os livros a redes sociais midiáticas e um jovem intensamente conectado ao mundo virtual; 2) "Só mais um besteiro!": *videoblog* em que os estudantes conversam sobre os usos cotidianos da internet, respondendo a questões fictícias, elaboradas por eles mesmos; 3) "Viaje nas ideias!": *stop motion* em que traçam a linha evolutiva dos aparelhos tecnológicos, promovendo reflexões sobre como era a relação dos jovens com os mesmos nas décadas de 1980, 1990 e nos anos 2000; 4) "Vamos brincar de quê?": narrativa sem diálogo que compara as brincadeiras de antigamente (jogar bola, pular corda e bambolê) e da atualidade, relacionadas à mídia e às novas tecnologias. Já na EEFM, duas equipes produziram pequenas histórias que abordavam o uso do celular em diversos contextos. Em virtude da unidade temática, sugerimos sua união em um único vídeo, nomeado pelos alunos de "O mundo com celular", sendo este composto por cinco partes num total de nove minutos. "Do lixo ao luxo": apresenta de maneira descontraída a evolução dos celulares que é associada a expressões de felicidade dos jovens ao manusearem *smartphones*; "Esse é do ladrão": aborda temas relacionados à violência urbana, fácil acesso à internet e exposição do eu ao mostrar uma garota sendo assaltada consecutivamente em um ponto de ônibus que permite acesso ao *wi-fi*, ao mesmo tempo em que comenta que vai postar o fato no *face*; "O último celular do mundo": narra uma sequência de roubos pelo último celular com internet do mundo, utilizando apenas efeitos sonoros, que transmitem a sensação de movimento e tensão; "O *facebook* vicia mais": enuncia, com humor, uma visão crítica acerca do vício causado tanto pelo uso de drogas quanto pelo *facebook*. Uma jovem, que fuma um cigarro de maconha, é abordada e apresentada ao *face*. Esta prefere então se conectar a rede social citada, jogando o "baseado" fora; "O celular nas escolas": retrata o uso do celular por alunos, professores e funcionários. Não há interação, pois todos estão atentos ao seu próprio celular.
- ⁶ Sobre o conceito de subjetividade, marco teórico da presente pesquisa ver Miranda (2015)
- ⁷ A aluna faz referência a cena "Esse é do ladrão" que compõe o vídeo "O Mundo com celular", criados por alunos da Escola Regular (EEFM). A cena aborda temas relacionados à violência urbana, fácil acesso à internet e exposição do eu ao mostrar uma garota sendo assaltada consecutivamente em um ponto de ônibus que permite acesso ao *wi-fi*, ao mesmo tempo em que comenta no *facebook* em tempo real.
- ⁸ Não houve cobrança em relação a prazos e resultados por parte da equipe de pesquisa. Também não foram atribuídos conceitos avaliativos normalmente utilizados nas práticas pedagógicas institucionais (os vídeos não "valiam nota").
- ⁹ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com o protocolo 200.729.

RECEBIDO EM: 28/04/2016

APROVADO EM: 16/09/2016